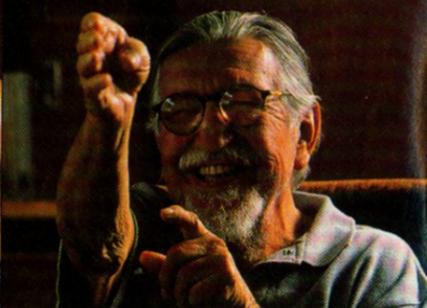
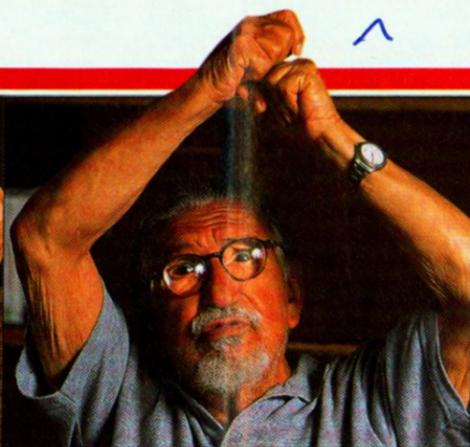
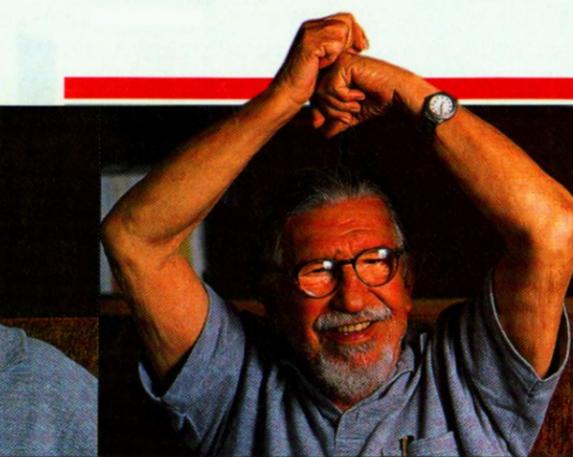
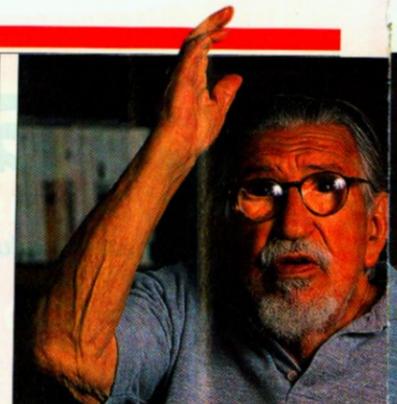
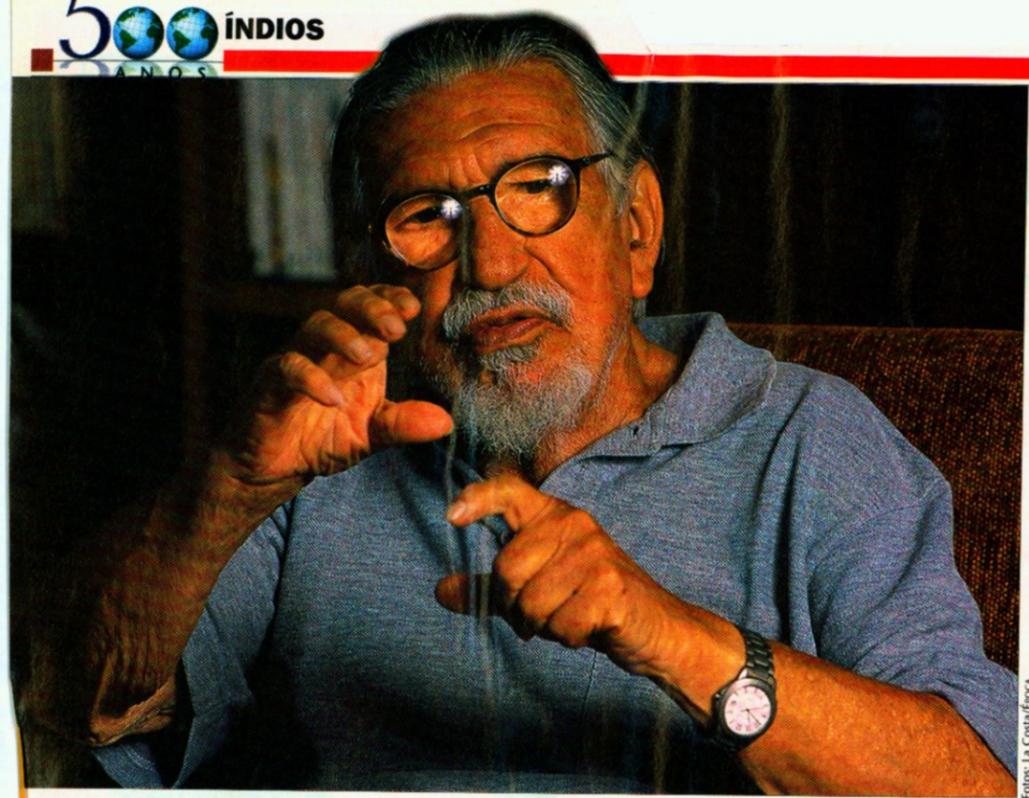


190  
398

50 ANOS ÍNDIOS



**Nós defendemos uma política na qual o índio só sobrevive em sua própria cultura. No Xingu vemos o índio, pelado, trabalhando com microscópio**

ENTREVISTA

# “Fora com o invasor”

**Orlando Villas Bôas, aposentado e afastado da Funai, defende o isolamento dos índios, mas quer a proteção de suas terras**

Todas as manhãs, o sertanista Orlando Villas Bôas, de 86 anos, abre a porta da cozinha e joga milho moído no quintal. Assobia e atrai os pássaros que sobrevoam o arvoredo de sua casa, no bairro paulistano do Alto da Lapa. Lembra de histórias antigas, vividas ao lado dos chefes indígenas que aprendeu a respeitar nos mais de 40 anos de experiência na selva. Cercado de objetos trazidos das aldeias do Parque do Xingu, que viu nascer, ele falou a ÉPOCA por quase três horas. A seguir, os melhores trechos da entrevista:

**ÉPOCA:** Como o senhor vê a nova política da Funai, que não pretende mais fazer contato com índios que se encontram isolados na mata?  
**Orlando Villas Bôas:** Eu acho certo. Is-

so se a Funai tiver condições de deixar o índio isolado e fazer a vigilância da terra que ele ocupa. Quando corre a notícia de que o índio foi atraído, que está indo bem, o civilizado não tem receio em comandar a invasão. Por isso o trabalho não é fazer

contato com o índio, mas sim com a área na qual ele vive, mantendo a fiscalização.  
**ÉPOCA:** Mas isso não é uma contradição com o trabalho que o senhor e seus irmãos desenvolveram no passado, buscando a atração?

## Laboratório de culturas na selva

**Exemplo do Xingu recebe elogios em todo o mundo**

O Parque Indígena do Xingu, com 26 mil quilômetros quadrados, encravado na região norte de Mato Grosso, é o grande laboratório de preservação da cultura de cerca de 4.500

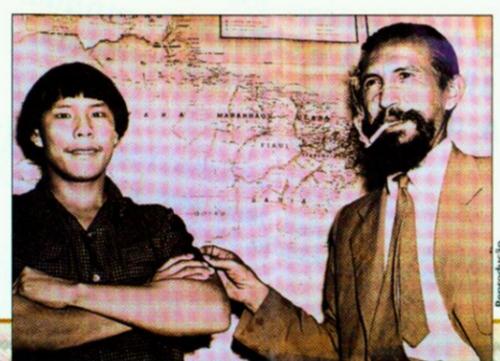
nativos, que falam no total oito idiomas. Criado em 1961 pelo então presidente Jânio Quadros, o parque é a realização do sonho dos irmãos Cláudio, Leonardo e Orlando Villas Bôas. Localizada no centro do país, a reserva foi o ponto de convergência de vários povos perseguidos desde a época do Brasil colônia. Mesmo grupos rivais acabaram selando a paz sob a diplomacia dos irmãos sertanistas. Eles enveredaram pela mata pela primeira

**Villas Bôas:** Não. Fazíamos a integração. Eram índios de grupos linguísticos diferentes. Nós colocávamos os índios como guardiães da área.  
**ÉPOCA:** E eles conseguiam impedir a entrada do branco?  
**Villas Bôas:** Tivemos muito trabalho. O sertanejo, ao redor das tribos, é terrível. Uma ocasião eles invadiram o Rio Ronuro. Eu mobilizei de 20 a 30 índios na base da carabina e pusemos os invasores para fora. E se não saíssem íamos passar fogo neles. Hoje eles têm medo, não entram.  
**ÉPOCA:** Havia alguma técnica especial para a atração dos nativos?  
**Villas Bôas:** Não tínhamos técnica nem ensinamento. Agíamos conforme o momento. Quando víamos os índios indecisos, nos aproximávamos e mostrávamos que não queríamos atacá-lo.

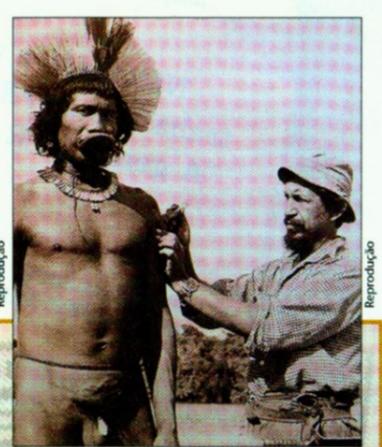
Também mostrávamos que não tínhamos medo deles.  
**ÉPOCA:** A sua avaliação sobre o futuro da população indígena é otimista?  
**Villas Bôas:** Depende muito da política da Funai. Acho que deve haver uma política de vigilância. Não sou contrário a que o índio participe da sociedade nacional. Acho que o destino é esse, mas a opção deve ser dele. Nós defendemos uma política na qual o índio só sobrevive em sua própria cultura.  
**ÉPOCA:** Isso significa que a tutela do Estado deve prosseguir?  
**Villas Bôas:** Acho que a tutela deve existir com o objetivo de preservar a área indígena, a saúde do índio, sem a preocupação de que ele se transforme num civilizado. Mas nem sempre aqueles que representam nossa sociedade e entram em contato com o índio pensam

dessa forma. Acham que o nativo deve participar e virar um civilizado.  
**ÉPOCA:** Como é a vida da população do Xingu?  
**Villas Bôas:** Quem for hoje ao Xingu verá um índio sentado pelado num banquinho com um microscópio na frente identificando o mosquito causador da malária. Com esse objetivo, liberamos a entrada no parque de estudantes e médicos da Escola Paulista de Medicina, que assistem os índios do Xingu há 34 anos, num trabalho maravilhoso.  
**ÉPOCA:** O senhor tem voltado muito ao Xingu?  
**Villas Bôas:** Não, é preciso ter o apoio da Funai. Como o presidente da Funai está bravo comigo, não vai dar mais, parecerá provocação. ■

ALBERTO RAMOS E LUIZ VITA



**IRMÃO BRANCO** Em 1954 (acima), com índio culucuro, e em 1953, aplicando vacina em nativo da tribo txucarramãe



vez em 1944, integrando a Expedição Roncador-Xingu, criada pelo presidente Getúlio Vargas para ligar o litoral ao centro do país. Desbravaram 1.500 quilômetros de picadas na selva, exploraram 1.000 quilômetros de rios, abriram com enxada quatro campos de

pouso para aviões, hoje transformados em bases militares. Para Orlando Villas Bôas, esse longo convívio com os índios serviu para que a sociedade mudasse de opinião sobre o caráter do nativo, considerado selvagem e destruidor. “Na verdade

ele sempre foi um perseguido, caçado para trabalhar como escravo”, diz o indigenista. Ele vê na organização social das aldeias um exemplo a ser seguido. “O velho é o dono da história, seu filho é o dono da aldeia e as crianças são as donas do mundo.”